

Megaoperação derruba sete casas

Rovênia Amorim
Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Não teve súplica que adiantasse. Munidos de cassetetes e até escoletas calibre 12, os policiais militares faziam o cordão e barravam a multidão de curiosos e desesperados. O dono da casa não tinha muito mais o que fazer. A não ser lamentar. Mulheres nervosas choravam aos soluços. Crianças, também. Mas as duas pás-carregadeiras eram impiedosas. Em menos de um minuto, transformam a casa num monte de entulho.

Às 13h, o saldo da megaoperação: três casas prontas e quatro inacabadas completamente destruídas, estacas de eucalipto e 40 km de cercas de arame farpado arrancadas. Isso ocorreu ontem no Condomínio Hollywood, que fica na região administrativa do Lago Norte. A operação começou cedo. Às 9h, o pelotão de 40 policiais militares e os 100 funcionários da Novacap, Terracap, Serviço de Limpeza Urbana (SLU), Serviço de Vigilância do Solo (SivSolo) e Administração Regional do Lago Norte já estavam a postos.

A casa de 65 metros quadrados da funcionária pública Adriana Cláudia Stuckert, 34 anos, foi a segunda a ser destruída. De nada adiantou o desesperado corre-corre do marido,



Nevinha Sales tenta proteger a casa da amiga que se trancou com as filhas dentro do imóvel e se negou a sair

com o celular na mão. Ele tentava ligar para o deputado distrital Manoelzinho (PMDB), ao mesmo tempo em que procurava o gerente do SivSolo, o major Esmervaldo de Oliveira. Ele não localizou o deputado e nem convenceu o major.

A pás-carregadeira derrubou o muro e a casa semipronta em segundos. A cada investida da má-

quina, Adriana aumentava os soluços. "A casa já estava pronta desde o começo do ano passado. Só acrescentamos o muro", lamentava a funcionária pública. "Fizemos isso porque os grileiros voltaram e tentaram vender nosso lote", disse. O marido, bastante nervoso, não quis dar o nome, mas calculou um prejuízo de R\$ 12 mil.

A casa pintada de amarela seria a terceira do dia a ser derrubada. Mas a pás-carregadeira teve de dar marcha-ré. A professora desempregada Sheyla (preferiu não revelar o sobrenome), de 27 anos, agarrou as duas filhas e correu para dentro. Trancou a porta e fechou as janelas. Do lado de fora, a cadeirinha poodle, dezenas de policiais e

uma multidão de curiosos que observavam atônitos a cena.

"Será que vão ter coragem de destruir uma casa dessas?", espanava-se um funcionário da Companhia Energética de Brasília (CEB), que também foi convocado para a operação. "Não saio daqui de jeito nenhum. Construí essa casa ainda no governo passado", gritou ela, antes de fechar uma das janelas da lateral da casa. "Ela não vai sair de jeito nenhum. Não vai abrir a porta pra ninguém", garantiu Nevinha Sales, 40 anos, amiga de Sheila.

O chefe de gabinete da administração do Lago Norte, Erivaldo Mesquita, garantiu que não houve nenhuma irregularidade na derrubada das casas. A operação, segundo ele, foi amparada em decisão da Justiça — o Termo de Audiência de Conciliação da 2ª Vara da Fazenda Pública, de 27 de outubro de 1998, que impede o cercamento dos terrenos e a construção de casas.

Mesmo sabendo que a construção na área não era permitida, as pessoas decidiram arriscar. Quase todas afirmam que, na transição de governo, o Condomínio Hollywood foi alvo de grilagem e seus lotes estavam sendo revendidos. Nesse ponto elas têm razão. No domingo e na segunda-feira, o *Correio Braziliense* esteve no local e flagrou casos de vendas múltiplas de lotes.